

TELMA REGINA LOPES PATROCINIO

**LYGIA BOJUNGA E AS FRONTEIRAS ENTRE LEITOR,
PERSONAGEM E AUTOR: UMA LEITURA POSSÍVEL
d' "A TRILOGIA DO LIVRO".**

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA
COGEAE
PUC-SP

São Paulo
2011

TELMA REGINA LOPES PATROCINIO

LYGIA BOJUNGA E AS FRONTEIRAS ENTRE LEITOR, PERSONAGEM E AUTOR: UMA
LEITURA POSSÍVEL d' "A TRILOGIA DO LIVRO"

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Literatura da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Cogeae) sob a orientação da
Prof^a Dr.^a: Juliana Silva Loyola.

SÃO PAULO

2011

Dedico este trabalho ao meu namorado e amigo Márcio da Silva, pela compreensão dos momentos ausentes e principalmente pela ajuda, companheirismo e auxílio em minha pesquisa.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Juliana Silva Loyola , pela participação em minha monografia e o direto auxílio na escolha do meu objeto de pesquisa, e ainda pelas grandes contribuições em suas aulas, meu agradecimento.

Aos meus colegas de curso, que me auxiliam e apoiaram para a continuidade deste trabalho.

A Marilene Simões da Rocha Teles, companheira que sempre esteve ao meu lado nesta caminhada.

A minha família, que sempre me apoiou e incentivou meus estudos.

A todas as pessoas que participaram, contribuindo para realização deste trabalho, direta ou indiretamente, meu eterno agradecimento.

“Eu, leitora, crio com a minha imaginação todo o universo que vem cifrado nesses sinaizinhos chamados letras.”

Lygia Bojunga Nunes

Resumo

Este trabalho procura refletir a respeito do processo de criação literária a partir da chamada “Trilogia do livro”, de Lygia Bojunga, dando enfoque ao leitor, elemento de destaque na obra dessa autora. Por meio da trilogia composta por: **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes, Fazendo Ana Paz e Paisagem**, a autora expõe de forma dramatizada seu processo criativo, focalizando, respectivamente, a obra, o autor e o leitor, e nos convida a penetrar em seu universo autoral como leitores e críticos. A questão que se coloca já de início diz respeito à forma como a autora lança mão da metalinguagem para discutir o processo de criação em diferentes níveis ou instâncias: autor real/autor implícito (ficcional), e leitor real/leitor implícito. Para a realização da leitura descritivo-analítica das obras e consequente conclusão do trabalho, utilizamos dois autores principais: Wolfgang Iser e Umberto Eco. Foram consideradas também as idéias de Wayne Booth, discutidas em estudo realizado por Maria José Palo. Rosa Maria Graciotto Silva, também nos auxiliou em seus estudos sobre Lygia Bojunga, num livro organizado por Maria Zaira Turchi e Vera Maria Tietzmann.

Palavras-chave: Lygia Bojunga, criação literária, relação entre autor, personagem e leitor.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PRELIMINARES PARA A LEITURA D' "A TRILOGIA DO LIVRO": A QUESTÃO DO LEITOR.....	11
3. A TRILOGIA DO LIVRO: FRONTEIRAS ENTRE AUTOR, PERSONAGEM E LEITOR.....	15
3.1. Livro: um encontro.....	15
3.2. Fazendo Ana Paz.....	21
3.3. Paisagem.....	28
3.4. Pra você que me lê.....	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

1. Introdução

Lygia Bojunga é uma das mais importantes escritoras de literatura juvenil. Em sua obra, além de temas complexos como a morte e a violência sexual, nem sempre presentes na literatura dirigida a crianças e adolescentes, encontramos um sofisticado trabalho com a linguagem que demonstra grande preocupação estética, sem deixar de lado a oralidade – muitas vezes entendida equivocadamente em posição oposta à complexidade da palavra escrita.

Lygia Bojunga nasceu em Pelotas no dia 26 de agosto de 1932. Aos oito anos de idade mudou-se para o Rio de Janeiro. Tornou-se atriz em 1951. Após encerrar sua carreira de atriz, escreveu para o rádio e a televisão até dedicar-se à literatura. Fundou uma escola rural que manteve por cinco anos. Em 1982 mudou-se para a Inglaterra e começou a dividir o seu tempo entre a Europa e o Rio de Janeiro.

Recebeu diversos prêmios, entre eles: o prêmio HANS CHRISTIAN ANDERSEN, de 1982, ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award) e FAZ DIFERENÇA (personalidade literária do ano), ambos de 2004. Recentemente recebeu o Prêmio FNLIJ 2010 (Hors-Concours - como o melhor livro para o Jovem), com o livro **Querida**.

Escreveu 22 livros. O primeiro em 1972 e o último em 2009. Entre eles há uma trilogia que destaca a relação da autora com os livros e ainda sobre o seu processo de criação. São eles: **Livro, um encontro com Lygia Bojunga Nunes** (1988), **Fazendo Ana Paz** (1991), e **Paisagem** (1992). Esse conjunto de livros ficou conhecido como “A Trilogia do Livro” e constitui, nesta monografia, o centro de nossas reflexões.

Livro, um encontro, narra a relação da autora com os livros e leituras que a formaram. Este livro transformou-se num monólogo que foi encenado pela própria autora em diversas apresentações pelo país. Na década de 90 desenvolveu outros trabalhos deste projeto: **Fazendo Ana Paz**, **De cara com a Lygia** e **Depoimento**, voltados para a teatralização.

Em **Fazendo Ana Paz** temos a história de uma personagem no momento em que está sendo criada, personagem esta que possui a direção de seu próprio processo criador, passando a interferir de maneira decisiva na composição do livro. Trata-se, pois, de um livro criado sob a perspectiva da personagem. As inquietações da autora também são exploradas, assim como o seu fazer literário.

Em **Paisagem**, temos a relação do autor e do leitor no processo de criação, autor e co-autor de uma obra. Há nessa obra uma verdadeira dramatização da tríade autor/texto/leitor. O leitor não é apenas aquele que lê, mas aquele que penetra no espaço

de criação do autor dialoga no interior da obra ficcional e participa da construção literária. Nessa obra, a Autora-personagem (que possui características semelhantes à de Lygia Bojunga), mantém contado direto com o leitor, também personagem do livro. Lourenço, o leitor em **Paisagem**, é um jovem criativo que após o desemprego do pai, se vê obrigado a mudar-se de cidade. Entre os conflitos da idade, namoros e leituras, mantém contado com sua Escritora por meio de cartas. Ambos têm uma paisagem em comum; a partir dela a narrativa se desenvolve. Há um estreitamento da relação autor/leitor por meio da paisagem. Num clima de suspense, o leitor real questiona se a criação literária e a participação do leitor são atos solitários, já que dividem a mesma obra, ainda que por meio de códigos distintos: um conto, um sonho e um desenho.

Numa estrutura composta por histórias intercaladas, somos colocados diante da autora, seu leitor, e sua obra. As fronteiras entre esses elementos são relativizadas ou até mesmo diluídas, assim como aquelas existentes entre a fantasia e a realidade.

Resumidas as obras que compõem a *Trilogia*, cabe esclarecer que o interesse deste trabalho é percorrer os enredos dos três livros, em busca da compreensão sobre como se dá a relação entre autor/personagem/leitor nesse conjunto peculiar e representativo da forma como essa autora estrutura sua obra. Ainda nos interessa refletir sobre a maneira como a categoria do leitor, inscrita no texto, pode nos revelar o autor e o processo criativo na obra de Lygia Bojunga.

Como suporte bibliográfico utilizaremos as obras: **O ato da leitura** de Wolfgang Iser, que teoriza a respeito da estética da recepção e sistematiza o conceito de leitor implícito. **Seis passeios pelos bosques da ficção**, que apresenta o conceito de autor e leitor modelo, e ainda aborda aspectos do mundo ficcional e sua relação com o real. Wayne Booth, sobre o autor implícito, com **A retórica da ficção**. **A metalinguagem de** Samira Chalhulb, que destaca e define a função metalinguística da linguagem, especialmente quando empregada no texto literário. E **Leitor formado, leitor em formação**, organizado por Maria Zaira Turchi e Vera Maria Tietzmann, num capítulo dedicado ao aspecto metalinguístico na obra de Lygia Bojunga, escrito por Rosa Maria Graciotto Silva.

Iremos priorizar neste estudo o leitor, relacionando-o com a obra e o autor. A leitura e consequente estudo d' "A Trilogia do livro" contribuem para as pesquisas sobre Lygia Bojunga e confirmam sua importância no cenário da literatura brasileira e mundial.

Iniciamos o estudo com uma preliminar sobre o leitor e sua relação com o autor, peças fundamentais nesta monografia. Passamos a uma reflexão teórica sobre a categoria do leitor, que servirá de base para a análise da obras estudadas, embora tal categoria seja considerada sempre na sua relação com o autor e com a personagem.

A análise de cada uma das obras d' "A Trilogia do livro" aparece no capítulo seguinte. Após o estudo das obras, apresentamos uma leitura do posfácio "Pra você que me lê", texto extra, que acompanha dois dos livros que compõem a trilogia, e auxilia diretamente na compreensão do processo de criação da autora.

“O texto é uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor”.

(ECO, 1994, p. 34)

2. PRELIMINARES PARA A LEITURA d' “A TRILOGIA DO LIVRO”: A QUESTÃO DO LEITOR.

O leitor é uma das peças fundamentais na constituição de um romance; por meio dele manifestam-se os efeitos que o autor pode causar com suas obras. O leitor é uma das instâncias do texto que se relaciona com as outras, já que a obra literária pode ser abordada por meio de uma multiplicidade de perspectivas. Interessa a esta pesquisa especialmente a categoria do leitor e a forma como ela se evidencia no projeto autoral, enquanto se relaciona com as demais categorias narrativas, especialmente a do autor e da personagem.

Wolfgang Iser, em sua obra **O ato da leitura**, faz importantes considerações acerca da categoria do leitor, mostrando como a dinâmica da leitura torna viva e evidente a atuação de um leitor que já está previsto pela escrita autoral. Para ele o texto, assim como o leitor, faz parte do projeto de criação do autor. A obra se concretiza no momento da leitura. O leitor é o receptor dos textos, e estes só fazem sentido se forem lidos. É no processo de leitura que a interação entre a obra e o receptor se realiza.

A obra literária tem dois pólos que podem ser chamados pólos artístico e estético. O pólo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida pelo leitor. (...) A obra é mais do que texto, é só na concretização que ela se realiza (...). Isolar os pólos significaria a redução da obra à técnica de representação do texto ou à psicologia do leitor; desse modo, se elimina justamente o processo que se pretende analisar. (ISER, 1996, p. 51).

O texto só se realiza através da constituição de uma consciência receptora, é só na leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio. Os textos ficcionais constituem seu próprio objeto, e não o procuram fora dele, embora as referências estejam, na grande maioria dos textos, no real.

Iser sistematiza o conceito de leitor implícito, que não tem existência real, pois ele materializa o conjunto de pré-orientações que integram um texto ficcional. O leitor implícito não se funda na realidade, e sim na estrutura do texto. A concepção do leitor implícito designa uma estrutura do texto que antecipa a presença do receptor. O texto literário oferece determinados papéis a seus possíveis receptores:

O papel do leitor se define como estrutura do texto e como estrutura do ato. Quanto à estrutura do texto, é de supor que cada texto literário representa uma perspectiva do mundo, criada por seu autor. O texto enquanto tal, não apresenta uma mera cópia do mundo dado, mas constitui um mundo do material que lhe é dado. (ISER,1996,p.73).

Segundo Iser, o texto literário não apresenta apenas a visão de seu autor, este tem o papel de recriar o mundo de forma ficcional através do discurso, enquanto o leitor é levado a escolher um ponto de vista que resulta da tessitura interna do texto. Todavia o sentido do texto é apenas imaginável, pois não é dado explicitamente e só se realizará na consciência imaginativa do receptor. (ISER, p.75).

O leitor implícito é uma construção, um modelo para o leitor real, e leva este a compor o sentido do texto e segue o caminho traçado pelo autor implícito. Embora o texto seja determinado pelo autor, os leitores o leem de formas diferentes, deste modo vemos que há uma liberdade de leitura e o texto não é totalmente determinado, mesmo tendo um projeto, cabe ao leitor atento preencher as lacunas deixadas pelo autor. O leitor integra um processo de tensão forjada pela autoria e por meio do qual ele desempenha a atualização das potencialidades leitoras dadas por esse mesmo texto.

O leitor tem sua liberdade determinada pelo autor, isto é, trata-se de uma liberdade cerceada por um projeto autoral, mas, ao mesmo tempo, plena de possibilidades uma vez que apenas o leitor pode cumprir o caminho proposto pelo autor. O leitor modifica o mundo referencial contido no texto, é ele que o coloca em movimento, por isso é um elemento fundamental da estrutura narrativa. É o leitor que finaliza o texto, termina o projeto começado pelo autor.

A obra admite diferentes desempenhos por diferentes leitores no ato da recepção. Leitores que estabelecem significados ou que conservam este significado em aberto. São as estratégias textuais que direcionam a imaginação do leitor.

Umberto Eco, em seu livro **Seis passeios pelos bosques da ficção**, também teoriza acerca do leitor, o leitor-modelo, como ele o nomeia. Para Eco o leitor é fundamental dentro e fora da história, e também possui o papel de preencher as lacunas que os textos

deixam em aberto, pois não é possível ao texto construir um mundo com tantos e intensos acontecimentos. O texto necessita da realidade como referência para seu leitor. No momento da leitura o receptor é atuante, e é obrigado a fazer opções o tempo todo:

O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. (...) Esse tipo de espectador

(ou de leitor, no caso de um livro) é o que eu chamo de leitor-modelo – uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. (ECO, 1994, p. 14-15).

É no processo de leitura que autor e leitor modelos se realizam efetivamente, assim como leitor e autor implícitos. O autor-modelo cria o leitor-modelo, embora este autor seja uma estratégia textual, cabe ao enredo trabalhar para preparar as expectativas do leitor-modelo.

O autor-modelo sabe que numa obra de ficção o tempo figura sob três formas: o tempo da história, o tempo do discurso e o tempo de leitura (ECO, p.60). Estes conceitos de tempo contribuem para a maneira como o autor vai construir suas estratégias de leitura. A “máscara” usada pelo autor, também faz parte de sua estratégia e o auxilia nos efeitos que quer causar no leitor.

Segundo Wayne Booth, os leitores partilham experiências com o autor real e com o autor implícito. “O autor cria uma imagem de si mesmo e outra imagem de seu leitor; ele faz seu leitor, como ele faz seu segundo *self*, e a leitura mais bem-sucedida é aquela em que os *sel/ves* criados, autor e leitor, podem entrar em pleno acordo”. (PALO, 2008, p. 2)

A discussão acerca do autor nos leva a outra, também presente em **Seis passeios pelos bosques da ficção**, de Eco, o real e o imaginário. Para o autor o mundo ficcional é parasita do mundo real:

Os mundos ficcionais são parasitas do mundo real. Não existe nenhuma regra relativa ao número de elementos ficcionais aceitáveis numa obra. E, com efeito, aqui há uma enorme variedade – formas com a fábula, por exemplo, a todo instante nos levam aceitar correções em nosso conhecimento de mundo real. No entanto, devemos entender que tudo aquilo que o texto não diferencia explicitamente do que existe no mundo real corresponde às leis e condições do mundo real. (ECO, 1994, p. 89).

Para que o leitor possa entender com maior facilidade o texto, e para que este não

precise explicar cada elemento que cria, existe um referencial que conduz o leitor, tal referencial é o mundo real, por meio dele o leitor compreende o discurso empregado na obra. O mundo real é o pano de fundo do ficcional, como afirma Eco.

Numa obra onde fusões são realizadas o tempo todo, realidade e ficção não poderiam deixar de gerar discussões, afinal falar do processo de criação de um livro não poderia excluir estes dois elementos tão presentes nas obras literárias.

Segundo Iser existem dois pólos em relação ao texto: o artístico que se refere à obra criada pelo autor, e o estético que é a atualização realizada pelo leitor. Ambas são importantes e contribuem para a identificação da relação entre obra, leitor e autor.

A leitura de uma obra de arte possui efeitos possíveis relacionados os seus leitores. O texto literário só produz seu efeito quando é lido, através de ações do leitor, e causa um efeito que é condicionado pelo próprio texto, o leitor leva este efeito em consideração, modificando o texto ou não.

O texto não é uma estrutura fechada, há nele possibilidades interpretativas, e é aqui que o leitor participa da obra, por meio de sua leitura e experiências leitoras. Segundo Iser, se o leitor lê um texto com base em suas experiências e no horizonte trazido pelo texto, o efeito deste se fará sentir no primeiro.

A experiência adquirida pelo leitor no ato da leitura não termina com o texto, continua com o leitor, e se pensarmos que a literatura é também autoconhecimento, então o leitor levará a leitura realizada sempre com ele.

3. A TRILOGIA DO LIVRO: FRONTEIRAS ENTRE LEITOR, PERSONAGEM E AUTOR.

Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes, Fazendo Ana Paz e Paisagem, formam a chamada “Trilogia do livro”. Nela Bojunga expõe seu processo de criação, por meio da relação entre leitor, personagem e autor. Estudaremos neste capítulo cada uma destas obras.

3.1. “Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes”.

O fazer poético de Lygia Bojunga aparece de maneira espetacular como ficção em três obras que ficaram conhecidas como: a *trilogia do livro*.

Com um tom memorialista e, ao mesmo tempo próximo da realidade, a primeira obra da trilogia, **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**¹ relata a formação de uma leitora, e a conseqüente aparição da escritora Lygia Bojunga.

De uma mensagem para o Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil, o projeto de **Livro um encontro**, transformou-se efetivamente num livro. O que era apenas uma mensagem transformou-se numa exposição, na qual Bojunga passou a apresentar o seu monólogo *Livro um encontro* em todo o Brasil e em outros países do mundo. Intitulada *Livro: a troca*, a mensagem nos remete à relação que se estabelece entre o autor e o leitor no interior da obra, no momento da leitura:

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras. Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão o livro agora alimentava a minha imaginação. Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava. Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que no meu jeito de ver as coisas é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava. Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeie um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra em algum lugar uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.

1 As indicações de páginas, neste trabalho, referem-se à edição de 1988, quando a obra ainda se chamava “Livro: um encontro com Lygia Bojunga”, editora Agir. Atualmente ela é editada pela Casa Lygia Bojunga e chama-se “Livro: um encontro”.

(BOJUNGA, 1988, p.7-8).

No texto fica evidente a importância que a leitura teve na vida da escritora, mesmo antes de se descobrir como tal. Foram os livros que indicaram o caminho da escrita; eles são comparados a algo essencial à vida: uma casa, que nos dá abrigo, proteção, segurança e é o nosso espaço.

No monólogo **Livro, um encontro** temos um texto autobiográfico contado de forma ficcional, no qual Bojunga divide com seu leitor real sua formação como leitora, através do que ela chamou de *seis casos de amor*. Estes casos eram leituras que havia feito e que foram importantes para a sua formação. Mostrando como o repertório obtido por ela foi decisivo também em sua constituição de escritora.

Inicialmente entramos em contato com a Lygia/leitora, que vai se transformando ao longo da narrativa na Lygia/escritora. Esta transformação se dá a partir das leituras que realizou e que a transformaram na escritora que é hoje.

Desde o princípio do livro vemos como o leitor é importante na obra de Bojunga, e como não poderia deixar de ser, ela atribui sua atual condição de autora, a leitora que um dia foi. O capítulo que fala sobre a Lygia/leitora chama-se: *Livro – eu te lendo*. Neste capítulo a personagem principal é a leitora, uma personagem relatando um período de sua vida. O leitor é muito privilegiado e colocado em lugar de destaque. É a partir dele que o enredo acontece.

Bojunga fala sobre seis livros que foram muito significativos em sua formação e de sua relação de intimidade com eles. Ela os chamam, como já citado, de *casos de amor*, dando um toque de proximidade com o objeto livro, como se cada um deles fosse um personagem e não simples objetos.

Ao chamá-los de *casos*, e utilizando outras palavras do mesmo campo linguístico, também se aproxima do leitor. Ainda criança e leitora de quadrinhos, a autora passou a ler Monteiro Lobato e encontrou a literatura infantil. Seu primeiro caso de amor foi **Reinações de Narizinho**, obra que possibilitou sua imediata identificação com as personagens do Sítio, diferentes dos seres que encontrava nos quadrinhos estrangeiros. Talvez por isso, Bojunga tenha criado personagens comuns, simples, mais próximos da realidade do leitor.

O desespero contido nas obras de Dostoiévski e Edgar Allan Poe envolveram-na em sua adolescência. Dostoiévski foi sua segunda paixão, com as leituras de **Irmãos Karamazov**, **Recordações da casa dos mortos**, e principalmente **Crime e castigo** com seu personagem Raskolnikov. Poe foi sua terceira paixão com seus contos e sua atmosfera fantástica.

Juntas e somadas às experiências de Lygia Bojunga, e as leituras feitas por ela ao

longo de sua juventude formaram a escritora. As inquietações da leitora a conduziram até a autora. Como leitora Lygia já havia descoberto seu papel:

E foi preciso esse caso (na realidade muito mais de desamor que de amor) pra eu me dar contado que, desde então, se tornou tão claro pra mim: eu sou leitora, logo, eu participo intimamente desse jogo maravilhoso que é o livro; eu sou leitora, logo eu crio. (BOJUNGA, 1988, p.21-2).

A consciência do seu papel de leitora já fazia parte de Bojunga, aquela que não apenas lê, mas também participa do processo criativo, completando os espaços deixados pelo autor. Assim como o autor, o leitor também cria.

O quarto caso, diferente dos anteriores, não era um clássico e sim um autor que escreve livros que seguem receitas, *nada original*, segundo Lygia. Também ela assume que lê livros que não são bem vistos por todos, e que também através deles podemos evoluir como leitores. A partir da descrição feita notamos que estes livros são “best sellers”, sempre tão criticados, mas apreciados pela narradora num determinado momento de sua vida.

Cartas a um poeta de **Rainer Maria Rilke** foi o quinto caso de amor, por meio do qual Bojunga diz ter visto que *o escritor é o livro que escreve*. Que numa obra podemos identificar, não apenas fatos e personagens, mas também, o próprio escritor.

O seu último caso de amor como leitora foi Fernando Pessoa. Seu primeiro contato com o poeta foi através do namorado de adolescência. Ainda aqui o amor não floresceu. Anos depois voltou a encontrar-se com o autor e nasceu, nesta segunda tentativa, o caso de amor. A obra era a mesma, porém lida num outro momento fez um sentido que *a priori* inexistia:

Pela primeira vez eu e o Fernando Pessoa ficamos a sós.
Que descoberta!
Eu sabia que, agora sim, ia começar um verdadeiro caso de amor entre nós dois.
A cada novo poema, lido ou ouvido no passado, e aonde o meu olho batia agora, voltava todo o mundo, todo o espaço onde eu me movia naquela época (...). E tão encantada de ver a outra cara bonita que o Livro me mostrou naquela noite: a cara da paciência. Ele espera pela gente. Feito coisa que ele sabe que o caso com a nossa imaginação vai ser mágico, tão sem limite, que vale a pena mesmo esperar. (1988, p. 28-9).

Surgiu então o capítulo *Livro: eu te escrevendo*. Neste capítulo vemos não apenas a

2 As citações curtas das obras de Lygia Bojunga, no corpo do texto aparecerão em itálico.

leitora, que ela jamais deixará de ser, mas também a autora, no início latente, que procura seu modo particular de escrever e nos revela sua maneira de criar. Surge neste momento uma nova divisão do livro intitulada: *Os encontros*.

E ficar desenhando e apagando letra, escrevendo e reescrevendo palavra, era bom. Feito ir pro quintal mexer na terra. Feito depois encher a banheira bem cheia e ficar lá dentro dela, eu e mais o barco que eu vivia fazendo de papel.

Então foi assim, caligrafando, que eu recolhi o prazer da borracha esfregando o papel, do lápis roçando a mão, do olho seguindo os sinais que eu imprimia no caderno, brincando aqui de pingar um *i*, ali de engordar um *o*. (...) E como não tinha caligrafia no novo ano escolar, a lembrança do meu tempo de artesã da escrita dormiu fundo dentro de mim. (BOJUNGA, 1988, p.35-6).

A narradora nos leva para a sua infância e narra desde o momento em que ela escreveu em seu primeiro caderno de caligrafia, utilizando um lápis, objeto usado até hoje para escrever suas obras. Objeto este, que possibilitava que ela ficasse *desenhando e apagando letra, escrevendo e re-escrevendo palavra*, isto é, criando, trabalhando e modificando seus textos, transformando-a em *artesã da escrita*, do desenho das palavras.

Contribuição importante, rumo à escrita, foi aquela que a habituou a escrever todos os dias, a escrita em seu diário. As aulas de redação e a descoberta do dicionário também aparecem no seu caminho para a escrita. Ela passou a se interessar pelo dicionário apenas quando começou a *fazer livro*. Tempos depois a autora descobriu a Literatura e passou a escrever porque precisava. Nesta época o dicionário começou a ser visto de forma diferente por ela, porque agora servia para auxiliá-la diretamente em sua escrita:

Mas quando eu respondi que um dicionário da minha língua era o livro que eu levava comigo pra tal ilha distante já foi num tempo em que, depois de anos de trabalhar ora rádio e pra tevê, eu tinha experimentado escrever um livro, e foi nesse encontro com a Literatura que eu comecei a ter curiosidade de ler um verbete inteiro, e de querer experimentar os caminhos que o dicionário me mostrava, conferindo uma palavra com outra, e indo assim, de comparação em comparação, visitando e revisitando palavras, pra então ir descobrindo que porção de caras cada uma tinha. (BOJUNGA,1988, p. 41).

A autora, através de experimentações procurava maneiras de escrever, e entre seus recursos utilizava o dicionário. Por meio dele, descobriu diferentes sentidos para conhecidas palavras e conheceu novos vocábulos.

Uma prévia do processo da criação de um personagem nos é dado neste primeiro

livro da trilogia, processo este que vai acontecer com mais profundidade no segundo livro **Fazendo Ana Paz**. A autora relata a criação de Vítor, protagonista do livro **O sofá estampado** (1980), e dedica a ele um capítulo. Nele, descreve suas inquietações acerca da criação da personagem e seu universo ficcional. Possibilita que o leitor real participe de seu momento de criação, mesmo tempos depois, e revela as angústias e fragilidades da escritora.

No capítulo “Sótão” discorre acerca das dificuldades de escrever e como se deu o processo de elaboração de um de seus textos:

(...) nessa época eu já tinha me resignado com o meu jeito de escrever livro; já tinha aprendido – à custa de virar muita impaciência em paciência – quem pra mim, fazer livro é ir puxando um fio que se dependura lá no meu *sótão*. (O tal *sótão* que a gente tem: nevoando, misterioso; onde mora o subconsciente, o sonho; a imaginação, a intuição; a fantasia, o medo.) Já tinha aprendido também que eu tinha que puxar o fio devagar. Senão rebenta. (1988, p. 45-6).

A autora vai em busca de seus conhecimentos, repertório, vivências e sentimentos, que lhe dão condições para escrever seu texto. Une tudo, para poder iniciar sua escrita, exercício que requer muito tempo e trabalho.

Quando trabalhava para a rádio e a televisão, Lygia escrevia à máquina, de forma mecânica, escrevia para ganhar dinheiro. Quando começou escrever livros, passou a utilizar lápis, sentindo o traçado das letras, num momento de prazer, escrevia porque precisava, a escrita passou a ser uma necessidade.

Foi através dos livros que Bojunga descobriu a liberdade de escrever. Podia criar suas personagens, inventar histórias que não eram encomendadas (embora já tenha feito isso). Por toda a liberdade que sentia agora, achou semelhança entre as palavras *livro* e *livre*. E é com elas que fecha o último capítulo do livro:

O luxo de corrigir e reescrever, somado à sensação da liberdade me rondando, me roçando, me envolvendo, fez uma impressão tão forte dentro de mim, que eu saí desse primeiro encontro pressentindo que fazer literatura ia ser para mim uma imensa aventura interior. E desde esse dia eu confundo as palavras livro e livre: me acontece muito de dizer uma e sair a outra. (BOJUNGA, 1988, p. 55).

Há ainda, no final do livro uma carta, mantendo o tom memorialista do texto, nele fala brevemente sobre suas dúvidas acerca do **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. A metalinguagem que perpassa todo o texto aparece também nesta última página, é um livro que relata as incertezas dele próprio:

(...) Mas ainda estou olhando pros encontros com a escrita que eu te contei aqui, pensando se eles misturam bem com os meus caos de amor...

Uma hora eu acho que sim.

Outra hora eu comparo um com o outro e fico achando que ' eu te lendo' nasceu com cara de *pra ser dito e o "eu te escrevendo' para ser lido"*(BOJUNGA, 1988p. 56).

As inquietações e dúvidas fazem parte do cotidiano de um autor, e mesmo com a obra pronta, depois do livro finalizado, as perguntas aparecem. As respostas, muitas vezes não chegam a existir, mesmo porque, tais perguntas parecem não contemplar respostas. Se o autor se permitisse mais tempo para escrever, com certeza continuaria modificando seu texto, procurando respostas. A última página deste livro nos mostra que as dúvidas jamais terminam com o livro, e este acaba quando o autor resolve não tentar mais respondê-las, ou deixá-las em aberto.

Na edição analisada não há ilustrações. Contudo há, no centro do livro, antecipando o capítulo "*Livro – eu te escrevendo*", oito fotos das apresentações do monólogo "*Livro: um encontro*", confirmando o caráter memorialista do livro.

3.2. Fazendo Ana Paz

Segundo livro da trilogia, **Fazendo Ana Paz** *surgiu da necessidade da autora em falar do ato da escrita de forma mais ficcional:*

A necessidade de falar mais dramaticamente do ato de escrever me fez continuar nesse caminho e levantar uma personagem chamada Ana Paz. O percurso que eu fiz com a Ana Paz foi difícil, eu não enxergava bem o caminho, tropecei e parei muitas vezes, mas me levou a um livro que eu chamei 'Fazendo Ana Paz'. E me levou também a querer continuar ainda na mesma estrada." (BOJUNGA, 2006, p.112).

Em poucas palavras a Autora relata a dificuldade de produzir uma obra e a vontade de continuar escrevendo sobre o ato da escrita. Como consequência desta vontade surgiu **Paisagem** um ano depois de **Fazendo Ana Paz**.

A reflexão a respeito da elaboração de uma obra está presente em **Fazendo Ana Paz** de uma forma dramatizada; não temos um relato, embora se assemelhe a um texto memorialista. O processo de criação nos é revelado por uma narradora dramatizada. A autora transforma-se em personagem para refletir sobre o seu processo criador.

Antes da Raquel qualquer personagem que eu fazia sempre me dava uma folga: férias, fim de semana, feriadão. E era bom a gente se separar um pouco. Quer dizer, era bom se, quando a folga acabava, eu entrava no meu estúdio e dava de cara com ele outra vez. Só que, às vezes, a gente se despedia num fim de semana, e quando na segunda-feira eu abria o caderno pra me encontrar de novo com ele: cadê?! Tinha me escapado. E eu ficava esperando ele sair dela. E nada: Sua Excelência sumida. Que terror! Às vezes esse sumiço durava um tempão. Outras vezes o personagem nem voltava mais. E tinha vezes que ele voltava tão diferente que eu custava pra me acostumar de novo com ele. (BOJUNGA, 1991, p. 12).

As fronteiras entre ficção e realidade começam a ser extintas, todavia o foco não está nas semelhanças da fantasia com a realidade, e sim na exposição do ato criador do qual estamos diante enquanto lemos a obra.

A história, contada em discurso indireto livre tem dois pontos de vista, o da narradora e o de Ana Paz. Ana Paz relata sua história em três fases diferentes que coexistem: Ana Paz- criança, Ana Paz- moça e Ana Paz- velha.

A Narradora nos conta diretamente sua história de escritora e dá voz para que sua personagem Ana Paz faça o mesmo. Ora é a autora que conta a história de Ana Paz, ora é a própria personagem que fala:

Foi só pisar na sala que um vento forte passou lá fora e abriu o postigo da janela: a claridade entrou e pegou a sala pra ela. Ana Paz foi pra junto da vidraça embaciada, limpou ela um pouco pra ver a rua acordando, mas não viu ninguém passando, nem a cara do sol ela viu. Foi indo devagar pro quarto.

Só tinha guardado o guarda-roupa da mobília que antes morava no quarto.

Um espelho na porta.

Um gavetão embaixo.

O puxador já era.

O guarda-roupa tinha pegado um jeito meio torto e... acho que é melhor a Ana Paz contar esse pedaço.

' Ah, coitado, perdeu o pé! é isso que ele tá torto assim. Fui chagando pra perto do espelho. Ele tava cheio de mancha de idade. Dessas que eu tenho aqui na mão. Foi só a minha imagem entrar nele que ele acordou. E a gente se olhou meio espantado, engraçado. (BOJUNGA, 1991, p. 30).

Para explicar a aparição de Ana Paz, a Narradora retoma outra personagem de Lygia Bojunga, Raquel do livro **A bolsa amarela** (1976). Raquel aparece por conta da semelhança com Ana Paz no momento de sua criação. Ambas surgiram *com pressa, de uma só vez*. O intertexto confirma semelhanças com a autora Lygia Bojunga.

A Autora tenta nos colocar diante do momento de criação de uma personagem, quando ela tenta escrever algo, mas sua imaginação está cheia de outra coisa, no caso Raquel. É como se as personagens já existissem e estivessem apenas esperando o momento certo para se transformarem em escritura e deixarem de ser apenas ideias. E é isso que vai acontecer também no processo de criação de Ana Paz.

Ana Paz, assim como Raquel surgiu facilmente, porém sua história não. Esta foi surgindo aos poucos, em meio a frustrações e inquietações. As dificuldades de criação da autora aparecem no texto:

Assim que eu me debrucei no caderno pra continuar escrevendo a Ana Paz, o meu lápis foi esbarrando numa pergunta atrás da outra: que perigo esse Pai representa pra ter sido atacado desse jeito? que tipo de mulher era a Mãe? o que que uma garotinha de oito anos feito a Ana Paz ia pensar numa tragédia assim? Uma interrogação ia puxando outra e, lá pelas tantas, tchaaaaaa: A Ana Paz se afogou nesse mar de perguntas. (1991, p. 15).

As dúvidas no momento da criação revelam que para a obra se concretizar ela precisa de questionamentos, que nem sempre surgem de forma rápida e simples aos escritores. É necessário debruçar-se sobre o papel, fazer tentativas, pensar muito para que a obra aconteça. Escrever exige esforço:

Nossa! Empacar todo escritor empaca. Mas assim? tão depressa? mal o livro começa? Fui ficando meio deprimida. Puxa, mas também que ingenuidade achar que a Ana paz não ia mais me largar, por que que eu tinha achado? E que falta de maturidade também!então eu ainda não tinha aprendido que levantar personagem leva tempo? por que que eu ainda não tinha aprendido? É que a Raquel... Que Raquel-nem-meia-Raquel"ela foi uma exceção da regra, e daí?"(BOJUNGA, 1991, p. 15-6).

Durante toda obra questionamentos nos são passados, porém não obtemos respostas que os respondam, o que parece importar é a reflexão crítica da obra e cabe ao leitor achar possíveis respostas.

Incompleta, Ana Paz e sua história não nos são passadas por inteiro, conhecemos apenas, parte dela. Nesta obra é priorizado o ato de criação e não a história vivida pelas personagens. Estas são suas próprias histórias. Durante todo o livro temos apenas fragmentos da história de Ana Paz, sabemos muito mais sobre a dificuldade de escrita de sua Autora do que propriamente sobre a vida da protagonista. Sua história fica em segundo plano, destaca-se o processo de sua produção. Embora **Fazendo Ana Paz** seja uma obra pronta, quando a lemos encontramos um texto em processo. Ana Paz é protagonista de uma não-história.

É a própria Ana Paz que se apresenta para nós: *Eu me chamo Ana Paz; eu tenho oito anos; eu acho o meu nome bonito.* (1991, p. 13)

O que sabemos sobre a Ana Paz/criança, ela nos conta em duas páginas, no início do livro, a relação que tinha com o pai e sua morte. Este será o enredo que retornará durante toda a narrativa.

Durante a construção do texto, a autora escreve e re-escreve muitas vezes o mesmo trecho, desiste de uma passagem e reinicia outra, entre outras modificações:

(...) Resolvi então fazer um outro pai. Ele tinha as mesmas ideias do primeiro Pai. Só que ele não passava elas pra Ana Paz. Nem pra ninguém. Guardava tudo dentro dele. Era um Pai superfechado . Tão fechado que eu não saquei nada dele.
 Fiz outro Pai. Dessa vez suave, boa praça, gostando de contar piada.
 Esse sim: saiu um chato de galochas.
 Resolvi experimentar um Pai sonhador, romântico: em vez de *fazer*, ele sonhava com tudo que ele ia fazer; em vez de sair lutando pelo que ele achava bom pro Brasil, ele contava pr'Ana Paz que bom que ia ser um Brasil assim e assado, nossa! No primeiro encontro eu já comecei a achar esse Pai um saco. (BOJUNGA, 1991, p. 37).

Não temos exatamente uma história, fatos nos são passados de forma não linear. Recebemos parte da história e a montamos no ato da leitura, preenchemos os vazios, somos chamados a participar efetivamente da obra.

As histórias das diferentes fases de Ana Paz aparecem sem nenhum tipo de divisão, mescladas na história da Autora. Elas surgem de forma inesperada, mas seguem certa cronologia, primeiro conhecemos a Ana Paz/criança, depois a moça e por fim a velha. Chegam da mesma forma, sem pedir licença, sem que a autora as queira escrever, elas “acontecem”. (...) *E ainda por cima uma outra personagem entrou no meu estúdio: cabelo branco, um mocassim no pé, uma bengala na mão. Mancava um pouco, se movimentada devagar. Mas firme. E o jeito dela falar também: firme, decidido.* (1991, p. 19).

A inserção das histórias surge em meio às diferenças de discurso, as primeiras falas aparecem inicialmente, em discurso indireto livre, e na sequência, ainda na mesma página passa ao discurso direto. Confirmando a maneira escolhida pela Autora para conduzir o texto: ora ela fala, ora dá voz às personagens, sem nenhum tipo de padrão. Em algumas passagens do texto é difícil definir com exatidão quem está falando. Quem conta a história afinal, a Narradora ou Ana Paz em suas diferentes fases? Ambas. Nem sempre conseguimos separar quanto é uma ou outra que está contando.

Ana Paz encontra-se consigo mesma, apenas em sua terra natal. É lá que retorna às suas origens, e recorda todas as suas fases. Descobrimos que as três personagens são Ana Paz no mesmo momento que a Narradora e a própria Ana Paz. O leitor participa da história, no que podemos dizer em tempo real. Somos transportados àquele lugar, somos testemunhas do encontro. Mas não é apenas Ana Paz que se encontra, a Autora também passa por este processo no decorrer do texto.

Quanto à construção da casa de Ana Paz, que concretiza suas origens, a Autora nos coloca diante de suas estratégias criativas, e nos conta como *resolveu levantar a casa*.

(...) Eu fiz ela toda de sobras. Uma sobra da casa do meu avô, outra da casa da minha tia, outra do apartamento da professora de inglês, que repartia a nossa hora de aula na metade antes do chá e na metade depois do chá. De cada morada eu tirava um pedaço, pra ir levantando a casa onde as minhas três mulheres iam se encontrar. (BOJUNGA, 1991, p. 25).

Para construir a casa, ela soma influências e imagens de casas da sua lembrança. Mas não é só de imagens físicas que a Autora se vale, sentimentos e sensações também estão presentes no momento em que constrói um de seus cenários. A narradora se dirige às personagens como *minhas mulheres*, talvez não apenas porque sejam suas criações, mas parte dela.

O encontro das três parece ser uma surpresa para todos, inclusive a Autora, como já mencionado.

(...) É isso! as três são a mesma! Não foi à toa que quando eu fiz a Moça e a velha eu não dei nome nem pra uma nem pra outra: lá num fundão escuro da minha cuca eu já devia ter sacado o que eu só agora saquei. A Ana Paz vai crescer e se apaixonar pelo tal do Antônio. E quando ela chega no inverno da vida ela vai sentir a urgência de voltar pra casa onde ela nasceu, onde ela viu a tragédia com o pai; ela vai querer juntar os pedaços dela, vai querer se encontrar com a menina e a moça que ela foi.(BOJUNGA, p.28).

A Narradora constata que as três são a mesma e conta rapidamente a história de Ana Paz a partir daquele ponto. É como se a Autora vivesse as histórias que conta, junto com as suas personagens.

Um objeto é responsável pelo retorno de lembranças da Ana Paz em relação ao pai. Trata-se da carranca, e por meio dela, passa ensinamentos ideológicos para Ana Paz. A criação deste termina sem solução, após diversas tentativas a Autora não consegue criar o pai que gostaria. As personagens modernas podem ser inacabadas como acabou sendo o pai e como Ana Paz se permite ser.

Ana Paz passa a fazer parte da vida da sua Autora em diferentes momentos, chega até a aparecer fisicamente para ela. Há o que podemos chamar de concretização da ficção:

-Mas que menina! - me levantei pr'acender a luz. Tateei no escuro e esbarrei na Ana Paz. Me segurei nela, e a sensação foi tão estranha que eu fiquei assim, sem me mexer, apertando o braço dela com força.

-Como é que pode, Ana Paz?

-O quê?

-Eu sei que você é inventada, mas tô sentindo a tua pele aqui na minha mão, como é que pode?!(BOJUNGA, 1991, p. 38-9).

Quando está produzindo uma obra, a Autora fica tão envolvida com as personagens, que chega a senti-las como se fizessem parte do “mundo real.”

A Autora também é personagem e de forma também Ana Paz conta a história dela. Há momentos no texto em que a Autora dialoga com Ana Paz que exige que sua história seja contada. Sendo ambas personagens e parte da Autora, é como se ela discutisse consigo mesma os rumos da obra, através da voz de sua personagem. Nos é narrado algo que parece ser uma discussão interna da Autora , ela conversa com sua personagem e chega a tocá-la, como vimos, porém tudo aconteceu num sonho, é um momento de

discussão metalinguística.

Uma das passagens mais tensas do livro é aquele em que Ana Paz questiona a sua história e é ela que vai aceitar o “inacabamento” do seu texto. Ela quer sair da gaveta e viver livre num livro, e a autora a deixa ir, a obra está pronta, com todas as suas incertezas.

Durante toda a obra nos deparamos com fusões, seja no discurso ou na própria história. Os limites entre sonho, realidade e ficção são mínimos, se é que existem.

Passei algum tempo sem nenhum contato com a Ana Paz.
 Mas depois eu encontrei ele de novo. Num sonho que eu sonhei. Ela era a Ana Paz-criança: ouvi a risada dela atrás de mim. Mas quando me virei a luz apagou. Fiquei no escuro esperando
 - Ana Paz?... Por que você apagou a luz?... Eu sei que você taí, Ana Paz. Acende a luz, sim?... Ô, Ana Paz, quer acender essa luz?
 - Só se você faz o meu pai.
 -Eu não posso fazer o teu pai no escuro.
 -Pode, sim: eu já vi você escrever no escuro...
 -Uma anotação, uns rabiscos. Mas não um Pai: acende essa luz!
 -Primeiro eu quero o meu pai. (BOJUNGA, 1991, p. 38).

Na última página do texto, nos é dado mais um elemento temporal que se assemelha à realidade, a data de término do livro: *Rio, abril de 1991*. Ano em que o livro *Fazendo Ana Paz* foi publicado.

O livro possui poucas ilustrações, apenas algumas imagens de azulejos e uma foto de família da autora. Bojunga explica que o azulejo faz parte do casarão que ilustra a capa do livro. Esta explicação aparece no posfácio *Pra você que me lê*. A autora nos informa que o casarão pertenceu a sua família, e foi o cenário de sua infância. É localizado em Pelotas, no sul, mesma região da infância de Ana Paz.

A foto da capa é de Léa Bojunga Nunes, tia de Lygia Bojunga, pessoa que lhe presenteou com o azulejo do casarão e a foto de família.

Segue abaixo a foto da capa:

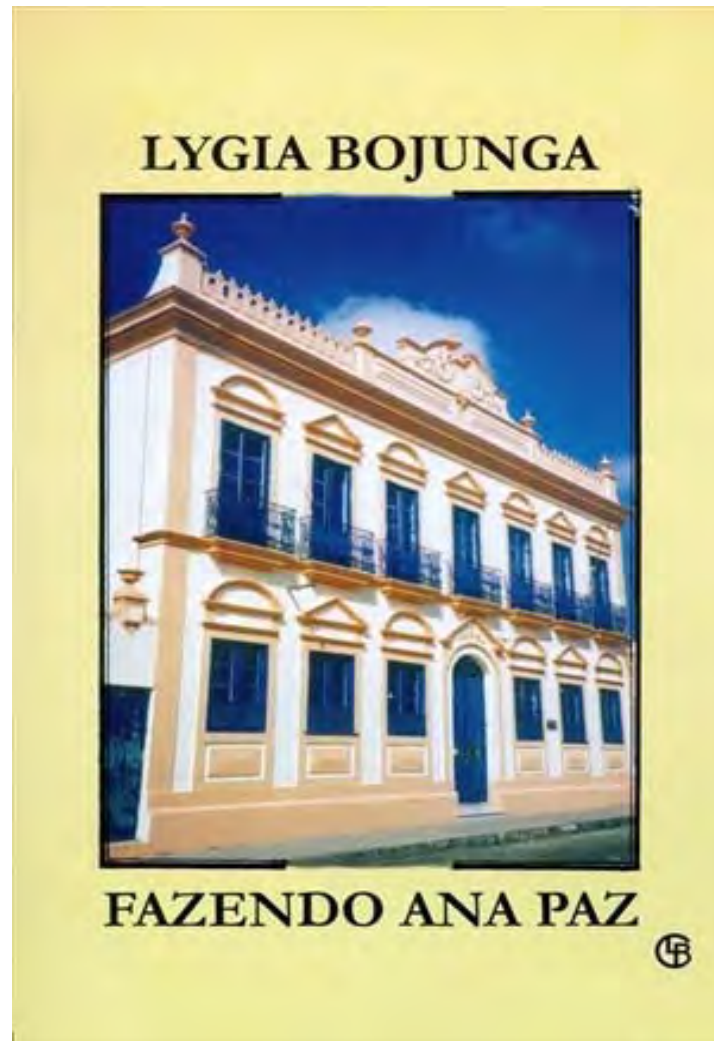


Ilustração 1: Léa Bojunga Mattos-Casarão de Pelotas.

“Não há fronteiras entre narrador e observador leitor, pois ambos estão na mesma superfície.”

(Maria José Palo,2008,p.4)

3.3. Paisagem

Assim como em **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes e Fazendo Ana Paz, Paisagem** revela o ato de criação e ainda a relação com o leitor no momento em que uma obra está sendo produzida, ou seja, entramos em contato com diferentes elementos da criação de um livro.

Dos três livros que compõem a *trilogia do livro*, **Livro: um encontro** é o que tem características mais distintas dos demais. É um texto mais biográfico e menos ficcional. Os dois últimos textos trazem a inserção de histórias ficcionais, que possuem traços possivelmente reais. Mais de um discurso é utilizado e diferentes vozes contam a história.

O tema une a trilogia e os livros são ligados, entre outras coisas, por um texto chamado “Caminhos”. Escrito por Lygia Bojunga, o referido texto faz uma síntese da trilogia e está presente no prefácio de **Fazendo Ana Paz** e no posfácio “*Pra você que me lê*”, de **Paisagem**. Este texto, da maneira como foi colocado, nas duas últimas obras da “Trilogia do livro”, realizam uma função moldura, enquadra questões acerca da criação que a autora julga pertinente. Abre e fecha os textos e são fundamentais para a compreensão do processo de sua criação, nele a autora diminui a ficcionalidade e fala ao seu leitor diretamente, desvendando partes de seu processo de criação literária.

O romance **Paisagem** é construído através de um movimento circular, por meio do qual fica evidente o processo de construção da obra. Embora exista uma história acontecendo, há uma reflexão sempre em curso: como se dá a relação entre autor e leitor. Diferente de outros livros que exploram este tipo de relação, **Paisagem** o faz explicitamente, a conexão entre os elementos é feita de forma direta, o leitor empírico não encontra dificuldades para interpretar a relação apresentada. A autora deixa clara sua intenção de colocar em primeiro plano a exposição de sua criação. O texto tem dois lados importantes: a escrita da autora e o efeito que causa no leitor.

Podemos observar no leitor inscrito no texto o efeito de sua recepção. O mesmo efeito esperado no leitor real é observado por este na forma dramatizada em que se encontra o leitor implícito, não o real, mas o leitor dramatizado presente no próprio livro e que recebe a obra produzida modificando-a. O leitor é cúmplice da criação do autor e é definido como estrutura do texto. Quando lemos o romance, nos identificamos com o leitor

retratado nele, aquele que está dentro da obra e seguimos o mesmo percurso realizado por ele. Não é possível ler **Paisagem** sem pensar no papel do leitor, seja o real ou o ficcional.

A ligação da autora com o leitor é tão forte que ela o leva para dentro do texto, o que pode aumentar ou diminuir sua liberdade de criação. Aumenta na medida em que define o papel de cada um no texto. Diminui, enquanto não narra sozinha, compartilha a criação com o leitor.

Obra, autor e leitor integram-se, excluindo os limites que separam cada um destes elementos; não há uma separação nítida entre eles. Os discursos são misturados e as fronteiras entre os elementos do texto são quase nulas.

Era uma carta de quatro páginas. Devorei a primeira, a segunda e fui me espantando, será que ele escrevia uma enormidade e carta e não respondia o que eu tinha perguntado?!...

Calor... Carnaval... foi assim...foi assado... achei ótimo você me escrever, mesmo do jeito que você me escreveu, quer dizer, não escrevendo quase nada...conversei de você com o João... ele acha que se você já começou a me fazer perguntas, quem sabe é porque tá tomando o gosto de escrever carta...patati...patatá...(BOJUNGA,2006, p. 21).

Assim como em **Fazendo Ana Paz, Paisagem** apresenta um autor dramatizado que se espelha em um autor real e cria um percurso que parece ser memorialista. Quando o lemos, somos colocados diante deste autor, e é ele também como narrador, que nos conta sua história.

Em **Paisagem**, o autor e o leitor ocupam o mesmo grau de importância. Estes elementos fazem parte de uma fusão e juntos formam o texto. O autor passa a participar da narrativa transforma-se em personagem, assim como o leitor. Ambos fazem parte da realidade da ficção, e é a obra de arte que possibilita a interação entre o texto e o leitor.

A autora cria uma maneira particular de relacionamento com o leitor, e causa o efeito de aproximação dele em relação à cena narrativa. Este leitor é corporizado por Lourenço. O leitor real também se aproxima da obra, através de Lourenço e da linguagem utilizada por Bojunga, muito próxima da falada, coloquial.

Quando o leitor real lê **Paisagem** tem certeza que a autora escrita no texto é Lygia Bojunga, embora seja uma autora dramatizada, portanto uma personagem. Por meio da ficção ela também criou Lourenço para relatar seu ato criador, ato este que faz parte da realidade.

Em **Paisagem** temos um autor real que cria e outro que faz parte do universo

discursivo, portanto esses dois elementos estão inseridos num mesmo texto. O autor real, então cria um autor/personagem através do recurso metalinguístico.

Bojunga, em sua trilogia não mascara o autor, o evidencia, e coloca em discussão a obra e sua construção. Com **Paisagem**, o autor mostra sua cara e nos permite conhecê-lo no seu momento de criação. É muito fácil confundir o autor real com o ficcional, e esta é uma das estratégias criadas por Bojunga.

Há no texto um autor implícito que facilmente se confunde com o real, pois é personagem, é um autor que encena o seu próprio papel. Desta forma, não questionamos apenas o autor, mas o que é real e o que é ficção; há uma transgressão entre a fantasia e a realidade, ambas são facilmente confundidas. Porém como diz Eco: “O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras” (ECO, 1994).

A inclusão do autor no texto como personagem cria um diálogo direto com o leitor, e por meio deste procedimento metalinguístico o autor deixa desvendar sua produção. Quando nos apresenta **Paisagem**, Bojunga está produzindo uma história e através dela revela seu ato de criação utilizando a ficção, não contando fatos reais. A escritora se coloca, não só como narradora, mas também como personagem, e ainda assim a narradora/ autora que encontramos no livro é ficção.

Embora saibamos tratar-se de um texto ficcional, tantos elementos são semelhantes à realidade, que não conseguimos deixar de estabelecer uma relação entre a autora que narra à história e a escritora Lygia Bojunga. Ela não é nomeada e apresenta semelhanças biográficas com a autora real. Assim como Bojunga, a Narradora é escritora, mora em Londres, nasceu no Rio de Janeiro, entre outras semelhanças. Quando identificamos o autor num texto, não iremos necessariamente encontrar um ser biográfico, mas um sujeito ficcional que aparece no romance como uma voz, ou como uma personagem; é o que acontece em **Paisagem**, onde a autora encena o seu próprio papel. O autor, também *representa papéis*. Diante de seu papel, o autor cria novas situações que se distanciam de seu ser biográfico, ou se aproximam ainda mais dele.

Paisagem nos leva a repensar constantemente durante a leitura, o que é real e o que é imaginário. No espaço interno do discurso, realidade e ficção são confrontadas a toda momento, com isso não podemos deixar de nos questionar sobre tal assunto.

Muitos leitores ao lerem uma obra questionam-se em relação à realidade contida no texto. Em **Paisagem** estes questionamentos fazem parte da própria obra que é contada com passagens semelhantes à realidade (a vida das personagens e suas relações), e outras mais próximas do universo ficcional (o conto produzido).

A concepção de realidade ou não, é tão evidente no livro **Paisagem** que no desfecho as personagens que fazem parte do núcleo mais “realista” do texto, transformam-se em personagens do conto produzido pela Autora/Narradora. É como se a ficção fosse inserida na própria ficção.

Ficção e realidade nos são colocadas durante todo o tempo quando lemos o livro, até a existência de uma personagem pode ser questionada. Renata, namorada de Lourenço, em diferentes momentos parece ser parte apenas da imaginação dele, criada por ele. É descrita pelo rapaz em uma de suas cartas, todavia quando a Narradora chega ao Rio de Janeiro, a Menina do Lado (vizinha de Lourenço, da qual falaremos mais a diante), diz que ela não existe. De fato em nenhum momento elas se encontram, sempre acontece alguma coisa que adia este momento, até que Renata vai embora do país. Não nos é revelado se ela existe ou faz parte da imaginação de Lourenço, sabemos apenas que é criação como qualquer personagem, seja de Lourenço ou não.

Muitos elementos no texto auxiliam para que o leitor questione a sua veracidade. De todos eles, o autor talvez seja aquele que mais incentive a discussão acerca do real e sua fronteira com o mundo imaginário.

O romance é narrado em 1ª pessoa, por mais de uma voz. Ora quem nos conta a história é a Narradora, ora é Lourenço o leitor, e mais adiante na narrativa outra personagem também auxiliará no contar, trata-se da Menina do Lado, vizinha de Lourenço, que como a Autora, possui uma relação de *afinidade*³ com ele. Essa personagem traz em si o imaginário infantil, é inteligente e curiosa, e desperta em nós leitores este sentimento. A Menina do Lado é ouvinte das histórias da Autora, Lourenço lê para ela todos os livros. Contudo, o papel da Menina do Lado não se resume apenas em ouvir histórias, ela é o duplo infantil da Autora, em seu momento latente, existente antes da criação do texto. É criativa e vem dela a explicação aceita pela Narradora sobre a paisagem. Lourenço é o elo entre a narradora e seu duplo, ele une suas obras: a paisagem desenhada pela Menina e o conto escrito pela Autora.

Há uma fusão de vozes e o discurso indireto livre contribui para a forma escolhida pela autora para nos contar a história. Através dele fica mais fácil consolidar uma obra escrita por mais de uma pessoa. A não separação das falas acarreta em alguns momentos, certa dificuldade em definir quem está falando, quem está contando a história. A falta de definição exata do contar alimenta ainda mais a autoria compartilhada por escritor e leitor. Leitor este que não apenas segue o texto, mas o escreve junto:

3 No livro **Paisagem** a palavra *afinidade* aparece para definir a relação que Lourenço tem primeiro com seu papel e depois com a autora, por este motivo optei por utilizá-la no trabalho quando aparecer este tipo de relação.

Lourenço foi me contando que o livro X era o preferido dele, só que o final é muito ruim, você não soube acabar a história; mas em compensação o final do livro Y foi muito bem encaminhado, só é pena que não dá pra gente acreditar no personagem, mas em compensação no te último livro, que eu também gosto muito, a ideia é ótima e a gente acredita tintim por tintim de cada personagem, só que à última hora a história acabou ficando malresolvida. (BOJUNGA, 2006,p.6-7).

A narração como vimos, é dividida entre as personagens: a Autora, Lourenço, a Menina do Lado, e nós os leitores. É um texto criado por diferentes vozes.

É a Autora que começa a contar a história e leva Lourenço a pensar em sua obra. Sem ela o mistério da Paisagem se perderia, os questionamentos acerca deste assunto são estimulados por suas dúvidas e pela procura de respostas.

Lourenço participa da narração ativamente. Temos que ler com atenção para não confundirmos quem está contando naquele momento, pois a distância entre autor e leitor é praticamente anulada. Lourenço conta histórias o tempo todo. Histórias de sua vida, de sua família, do Rio de Janeiro.

Assim como a voz que narra, o tempo da narrativa também não é preciso e modifica-se durante o texto, este tempo indeterminado, por vezes pode até confundir o leitor, porém auxilia a narração compartilhada. Com frequência o tempo passado é utilizado pela narradora e o presente por Lourenço. Está identificação através do tempo verbal pode ser feita com um pouco menos de dificuldade até o momento em que as personagens principais se encontram e então passam a usar o tempo presente com maior frequência. Em **Paisagem** esses tempos são intercalados. É difícil fazer uma divisão dos tempos dentro da narrativa.

O texto é, de um modo geral, contado num tempo passado. Todavia, como vimos, Lourenço fala no presente, em passagens em que a Autora dá o espaço para que ele fale a nós diretamente. Contudo, conhecemos Lourenço através da Narradora, neste momento diferente de tantos outros, ela não dá voz diretamente a ele para que nos conte sua própria história, como aconteceu com Ana Paz. É a partir da visão dela que conhecemos as características de Lourenço; nós o conhecemos logo no primeiro parágrafo do texto:

Foi no ano passado que um tal de Lourenço me escreveu contando que morava no Rio, todo mundo reclamava do Rio, ele sabia que o Rio estava lotado de barulho e de problema, mas paciência: ele amava o Rio. Dizia que *ele* não podia reclamar do barulho: morava numa ladeira calma do bairro de Santa Teresa, você conhece Santa Teresa?, e me contava que o bairro era um pedaço do velho Rio, um morro de onde se via a cidade espalhada lá embaixo, sabia que aqui ainda tem bonde? (BOJUNGA,2006,p.5).

Quanto à estrutura, o romance apresenta três dimensões que surgem a partir do leitor, é ele quem dá rumo aos acontecimentos. O leitor parte da obra e traça um percurso pensado pelo autor. Este leitor implícito é construído no ato criativo, concretizado pelo personagem Lourenço, e este se identifica com o leitor real. O narrador é dramatizado e identifica-se com o autor implícito, enquanto o leitor personagem identifica-se com o leitor também implícito e este com o real.

Iniciamos a leitura com a própria Narradora, como normalmente acontece em uma narrativa, é ela que nos apresenta Lourenço, um adolescente em seu momento de dúvidas. Contudo a Autora se coloca no texto, não como a única responsável pelo rumo dos acontecimentos narrativos, e sim aquela que, por meio de um canal direto com o leitor, divide com ele o seu processo criativo.

Lourenço assume o papel do leitor que acompanha de perto o trabalho do Autor. Ambos são dramatizados, diferente de outras obras, em que as figuras de leitor e autor aparecem representadas no texto por meio do discurso do narrador, de forma menos direta. Lourenço é co-autor e crítico. É um leitor que sabe do seu papel e não só lê, mas também crítica a obra e participa ativamente dela, neste caso auxilia sua produção. Lourenço assemelha-se à ideia de leitor presente no primeiro livro da trilogia, da leitora que Lygia Bojunga foi. Ela busca em si própria um leitor ideal, ou idealizado pelo projeto autoral que se evidencia na construção de **Paisagem**.

Lourenço ocupa esse espaço do leitor ideal, embora tenha a imagem do leitor real. Mesmo que a obra de Lygia não seja para uma faixa etária pré-determinada, Lourenço que retrata o seu leitor no livro é um jovem de 17 anos, um leitor mesmo atento e crítico, ainda em formação, semelhante a muitos de seus leitores reais, e é através dele que entramos em contato com uma linguagem mais jovem, que dialoga com a linguagem coloquial de Bojunga.

Lourenço não aparece como um leitor comum, mas “o Leitor” e é desta forma que ele se denomina durante o texto. Ele é um leitor crítico, faz observações e sugere mudanças no texto de sua Autora, é um leitor que tem *afinidade* com a escrita do Autor.

Nesta obra o leitor descrito pela imagem de Lourenço, um leitor ideal, definido assim por ele próprio, tem um papel fundamental e é priorizado. Há uma busca do Leitor através da obra, o lugar do Leitor numa história, e ele faz parte da estrutura do ato e do texto. É ele que inicia a relação com a Autora, e é o elo entre as personagens.

Na primeira carta de Lourenço, isto é, nas primeiras páginas do livro, conhecemos não apenas Lourenço, mas também um pouco de sua família, principalmente seu pai João, pessoa com quem Lourenço tem uma grande *afinidade*.

É por meio de cartas que inicia seu diálogo direto com a Narradora/Autora. A utilização do gênero epistolar, não parece ser por acaso. Com o desenvolvimento da narrativa, há uma relação direta da Autora e do Leitor através também da escrita, por meio das cartas. É a escrita que os une. Ainda aqui temos a distância física do autor e seu leitor, porém o Leitor não é mais apenas um ouvinte, passa também ele, ao lado do autor, a agir efetivamente através de suas correspondências. Todavia, a Autora não possui *afinidade* com correspondências e tão pouco se mostra à vontade para responder as perguntas feitas por seu Leitor. Porém está situação começa a modificar-se quando a Autora recebe uma carta onde o leitor relata um sonho que teve, semelhante a um conto inédito escrito por ela:

(...) o que eu queria contar é que esta noite eu sonhei com você, quer dizer, eu sonhei com uma paisagem, você não aparecia no sonho, mas o tempo todo eu tinha certeza que tudo que eu estava sonhando tinha sido escrito por você; uma paisagem assim (...) (BOJUNGA, 2006, p. 10).

Lourenço conta seu sonho e confirma a *afinidade* com a escrita da Autora, pois mesmo não sendo um texto escrito e sim uma imagem, ele atribui a ela a autoria da paisagem.

O interesse de Lourenço como leitor ultrapassava os limites da obra, ele também quer obter informações da vida da Autora, quer saber “*de que jeito ela vive, e de que jeito escreve*”. O leitor interfere na obra de seu autor, de tal forma que acaba sonhando com seu texto.

Num determinado momento o interesse que inicialmente era apenas do leitor, passa a ser também da autora. Invertem-se os papéis e agora é ela que quer saber principalmente como o seu leitor lê a sua obra:

(...) De que jeito ele lia o que eu escrevia? numa poltrona? deitado no chão? cotovelo e livro na mesa? Quando é que ele ficava pensando no jeito de melhorar o que eu tinha escrito? no chuveiro? esperando o ônibus? depois de apagar a luz e se virar assim de lado pra dormir? ou quem sabe ele ainda era muito moço e pensava isso tudo na escola (numa aula que ele estava achando chata? (BOJUNGA,2006, p.20.

A Autora procura entender como foi possível a ele interferir desta forma em sua obra, sonhando com a sua escrita. E agora era ela quem queria saber, não como ele vivia, mas como lia interesse típico de leitor.

A paisagem que antes era da Autora, passou a ser de ambos, e depois também da Menina do Lado, assim como a obra, que depois de produzida não pertence mais apenas ao seu autor, mas também àquele que lê.

A relação entre autor e leitor torna-se tão profunda, que a Narradora deixa de pensar em sua obra e passa a pensar e imaginar seu leitor. O leitor faz parte da criação da autora, e é pensando nele que ela cria.

A história de Lourenço nos é passada de uma forma muito rápida, isto é, muitas informações chegam a nós em poucos parágrafos, como se não estivéssemos lendo, mas ouvindo, principalmente quando a narração é feita pelo próprio Lourenço. O tempo do discurso parece ser muito mais rápido do que o tempo real, o que torna a história dinâmica.

Gêneros são misturados. Estamos lendo a narração da história quando de repente nos deparamos com uma carta, ou uma observação da Autora ou de Lourenço. Nada, nem mesmo o discurso segue uma regra fixa e pré-determinada.

Como em outros textos de Bojunga temos neste a valorização da arte, principalmente representada por João e seu clarinete. João, pai de Lourenço, é um homem misterioso e tem uma forte relação com a música, aliás, ele se relaciona melhor com ela do que com as pessoas, é por meio da música que ele consegue se comunicar de uma forma mais eficaz com Lourenço, que o admira muito. É pela arte que ele tenta superar suas dificuldades, e é também ela que possibilita sua permanência no mundo, é como se ele vivesse por ela. É através da música que Lourenço suporta o sofrimento e o silêncio do pai. Também através dele somos levados a refletir sobre problemas sociais, como violência e desemprego. Lourenço é obrigado a deixar o Rio de Janeiro após o pai ficar desempregado. João sofre de um trauma adquirido após um assalto no banco onde trabalhava, ocasião em que sofreu uma grande violência, que o traumatizaria para a vida

toda. Estas críticas são suaves, mas importantes e frequentes nas obras de Bojunga.

Lourenço então envia uma carta para a sua Escritora relatando detalhes do sonho que teve, confirmando a semelhança com o conto. Neste momento a narrativa toma um novo rumo, pois realmente ela havia iniciado um conto com aquela paisagem, com aquelas características e detalhes. Mais uma vez uma obra uniu leitor e autor, como não poderia deixar de ser. A coincidência da paisagem foi à forma encontrada por Bojunga para aproximar pela obra, o autor e leitor. Neste momento temos a inserção da obra da autora, podemos ler parte do conto que ela está produzindo. Somos convidados a conhecer o conto, só que não o lemos diretamente, sua história nos é contada, até que sem nenhum aviso começamos a ler o conto diretamente e não mais “escutá-lo”, esta mudança é marcada pelo tipo de fonte, que passa a ser grafada em itálico:

“Paisagem” é a história de um homem que um dia fica muito perturbado quando vê no metrô uma mulher alta, morena, vestida de vermelho (...). O homem cada vez trabalha mais a obsessão: cada dia imagina o encontro com a Mulher num lugar diferente (ele tem certeza que o encontro *vai* acontecer), elabora o que ele vai dizer pra ela, o que que ela vai responder, trabalha, trabalha,(...) *tinha sido tudo muito rápido, mas deu tempo da Mulher enfiar um bilhete na mão dele: ' Te encontro hoje às cinco horas neste endereço', e agora o Homem marchava confiante pro encontro que ia, afinal, acontecer.* (BOJUNGA, 2006,p. 11-13)

Neste trecho há uma pausa na história de Lourenço para que possamos ler o conto escrito pela Autora. Novos personagens são introduzidos e podemos comparar o texto com a paisagem descrita por Lourenço.

O leitor começa a interferir de forma cada vez mais concreta na obra do autor, ele não é apenas alguém que lê, e sim interage diretamente com a obra e o autor, faz até com que este reflita sobre o seu leitor, que não só dá palpites sobre sua obra, como também participa de certa forma, de sua construção.

O questionamento sobre a paisagem deixa a Autora intrigada e após conhecer parte de seu conto, podemos conhecer um pouco sobre a própria Autora. Mais uma história nos é contada e ela descreve brevemente como é o lugar onde vive que a auxilia a escrever. É como se houvesse uma pausa na ficção para que pudéssemos conhecer algo da realidade da Autora.

Um pouco mais adiante a questão da paisagem dá novamente uma pausa, mas agora entram em foco os problemas pessoais de Lourenço. A mudança e as dificuldades de seu pai, já mencionadas.

A curiosidade da Autora em relação ao leitor torna-se cada vez maior. Entramos num clima de mistério e todos: Autora, Lourenço e leitores, querem entender a coincidência da paisagem.

A autora resolve então ir ao Rio de Janeiro, lá vai encontrar a si própria. É recebida pela Menina do Lado. Junto com a viagem vêm as lembranças de sua cidade e a resposta que veio buscar.

Embora o livro trabalhe com um mistério, o texto tem tom leve e até passagens bem humoradas como, por exemplo, quando Renata e Lourenço discutem:

(...) “eu já vi saindo do banheiro com aquele troço na cara, e quando eu comecei a falar dos óculos sabe pra onde é que e a me mandou? Pra merda, imagina, pois é, a Renata me espanta, *com tanta vida anterior pra me mandar e ela me manda pro lugar que todo mundo manda(...)* (BOJUNGA, 2006, p. 49).

A autora então passa algum tempo sozinha na antiga casa de Lourenço e é a Menina do Lado que vai lhe fazer companhia e contar que o sonho de Lourenço aconteceu depois que ela mostrou a ele seu desenho, a paisagem. Ela então passa a narrar como que a paisagem foi parar em seu papel. Estamos mais uma vez diante do ato de criação, é como se naquele momento ela não estivesse contando, mas criando, o seu desenho concretizou a escrita, o conto da Narradora. Com a utilização de uma imaginação infantil a Menina do Lado dá uma possível explicação para a paisagem em comum:

(...) a história fechada no caderno fechado na gaveta, tudo muito fechado. Não é? Ninguém tava mais aguentando. Então, teve uma hora lá (você nem tava em casa nem nada) que a gaveta foi abrindo devagarinho pra poder respirar um pouco. E foi abrindo, e foi abrindo, a aí, quando o caderno viu a gaveta aberta, ele espiou lá pra fora e estava um dia bonito mesmo. Assim feito ficou hoje depois que o temporal passou. Aí o caderno pensou, quer saber do que mais? Eu não fico mais aqui. E saiu. Mas quando ele tava lá fora curtindo um sol veio um vento que você não imagina. Um vento assim que nem tava ventando hoje quando você chegou. O vento abriu o caderno justinho na página que você que você escreveu essa... como é mesmo que você chama?...ah! Essa *paisagem*, e a página ficou aberta, e o vento foi passando nela. Foi passando e foi lendo tudo que você escreveu. Foi lendo e foi gostando. E aí ele resolveu arrancar ela do caderno pra ele. E sabe que ela gostou? Gostou mesmo de sair com ele. Então os dois viveram juntos, o vento e a página. (...) Até que um dia, sabe, o vento nem reparou que a janela do meu quarto tava toda aberta e entrou. Ele e a folha do teu caderno. (...) (BOJUNGA, 2006, p.68-9).

Cheia de imaginação e fantasia, a explicação da menina é aceita pela Autora, que parece concordar que a paisagem em comum só pode ter uma explicação ficcional. Ela se

identifica com a menina, principalmente quando vê a paisagem.

Finalmente chega o momento em que Lourenço e a narradora se encontram. Iniciam uma conversa rápida e calam-se, faltam palavras para aqueles que foram unidas por ela. Quando se encontram, leitor e autor concretizam fisicamente uma relação que já existia através da escrita: livros e cartas.

Em um dado momento deste encontro, Lourenço sugere que a autora alugue sua antiga casa e subalugue um quarto para ele, assim ele poderia acompanhar mais de perto suas novas produções, auxiliando-a, e isso resolveria seu problema de moradia. Pode-se afirmar metaforicamente, que cada autor “aluga” para seu leitor uma parte de sua produção. De certa forma autor e leitor ocupam o mesmo espaço, a proximidade de ambos se dá com a escrita.

Lourenço se define como um leitor ideal:

(...) eu sou um Leitor pra escritor nenhum botar defeito, tá entendendo? Eu acho até que ser Leitor é a coisa que eu sei ser melhor na vida (...), mas quando eu falo de Leitor eu tô querendo falar é de Li-te-ra-tu-ra, (...) essa coisa de escritor criar uma personagem e fazer a gente acreditar nele feito coisa que toda vida a gente conheceu o cara, ou a cara. Literatura é fazer este personagem inventado virar um espelho pra gente, é fazer a gente ficar puto da vida se o personagem faz um troço que a gente acha besteira, mas em compensação é fazer a gente entrar numa boa se ela faz um troço que a gente também quer fazer (...) (BOJUNGA, 2006, p. 53-4).

Este leitor tem consciência de que a obra só existe e é divulgada pela ação da leitura, e ele também apenas existe por causa da obra. Autor, leitor e texto se completam, necessitam um do outro, integram-se. Existe uma fusão tão grande entre estes três elementos, que a fronteira entre realidade e imaginação fica cada vez menor, ao ponto de uma personagem da realidade do texto “a Menina do Lado”, entrar no texto fictício da narradora, sem que este fato cause estranhamento ou dúvidas nas demais personagens, que depois também serão colocadas dentro da paisagem.

Observamos que a obra é construída através de tríplexes ou planos. A história possui três focos que a dividem: a história vivida por Lourenço e a Autora, a história das personagens do conto produzido pela Autora (homem e mulher), e o mistério da paisagem explicada pela Menina do lado.

Com exceção da narradora e de Lourenço, que participam da história de uma forma mais ampla, os demais personagens fazem parte de núcleos distintos. Num plano temos as personagens que conhecemos por meio da narradora: o homem e a mulher do conto. Já a família e amigos de Lourenço estão em outro plano e os conhecemos através dele e do seu ponto de vista. O que sabemos sobre cada um deles é aquilo que Lourenço nos permite saber, a imagem desses personagens que chega até nós é criada por Lourenço.

Nas páginas finais do livro, o limite entre realidade, entendida aqui como realidade dentro da ficção, e não do mundo real, parece desaparecer por completo. As personagens, começando pela Menina do Lado e seguida pelos demais, entram na paisagem e é ali que permanecem com o fim do romance, como já mencionado.

O fim da história é contado através de uma grande fantasia. Uma história que só poderia ser resolvida com imaginação. A autora, que durante o livro não separa com exatidão real e ficção, deixa claro no final a ficcionalidade do texto e leva todas as personagens do livro para dentro da paisagem. A paisagem (criação das personagens) dentro da Paisagem (livro) serve agora de cenário para todos e as histórias da obra unem-se.

Quando lemos **Paisagem** o efeito que a leitura causa em Lourenço faz com que amplie seus horizontes, e possibilita a ele um olhar novo para a realidade através da linguagem. Talvez o maior efeito causado pela leitura em Lourenço, seja sua transformação de leitor, que passa de um receptor comum a criador.

Quanto às imagens, o livro não possui gravuras em seu interior, a única imagem existente está na capa:



Ilustração 2: Isaac Liberato-Óleo sobre tela (1956).

O óleo em tela é do carioca Isaac Liberato e foi produzido em 1956. É uma Paisagem, provavelmente do Rio de Janeiro, também cenário do texto. Esta obra pertence ao acervo do Museu de Imagens do Inconsciente situada no Hospital de Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Este museu está ligado à escola psiquiátrica e teve origem nos ateliês de pintura e de modelagem das sessões de terapia ocupacional, organizadas por Nise Silveira em 1946, no Centro Psiquiátrico Pedro II.

A produção artística deste ateliê foi muito grande, e por este motivo surgiu o museu. Nele, além de contemplar e conhecer as produções artísticas dos internos é possível realizar estudos das imagens criadas pelos pacientes e acompanhar a evolução dos casos de cada um deles. O museu foi inaugurado em 1952 e hoje reúne cerca de 300 mil documentos entre telas, desenhos, pinturas e modelagens.

Isaac Liberato, frequentava este espaço, e lá, durante sua terapia, produzia os quadros. Sua terapeuta dizia que ele dialogava através de imagens. Curiosamente, é o que ocorre com a personagem a Menina do Lado, em **Paisagem**, ao fazer o desenho. A paisagem retratada na capa é o lugar de encontro das personagens, é a imagem real da paisagem do texto, onde autor, personagem e leitor se encontram.

3.4. Pra você que me lê

Lygia Bojunga criou um posfácio em seus livros chamado: *Pra você que me lê*. Nele, a autora fala sobre o processo de criação em cada um dos seus livros, semelhante à trilogia do livro, embora não seja um texto tão longo. É um espaço criado para estreitar ainda mais, a relação entre autor e leitor, nele são revelamos detalhes sobre a construção da obra.

No *Pra você que me lê* do livro **Fazendo Ana Paz**, Bojunga fala sobre as fotos que acompanham o livro, e ainda relata que busca em seu passado fatos que ganham novas perspectivas para a formação de seus personagens.

No posfácio de **Paisagem**, Bojunga nos informa que os livros que formam a trilogia são as suas obras menos lidas, porém ela preserva *uma afeição especial por elas*.

Na primeira página nos explica o que significa o *Pra você que me lê*: “*Já te contei em outros livros que inventei também este espaço, que chamei de Pra você que me lê, onde te conto isso e aquilo do livro que você acabou de ler*” (BOJUNGA, 2006, p.109).

Através de uma conversa informal, a autora fala diretamente ao leitor real, num espaço criado pra ele, num momento em que ela nos permite “vê-la” sem máscaras.

Assim como na trilogia do livro, as revelações autorais feitas falam de procedimentos metalinguísticos pensados pela autora para aproximar o leitor da obra; ela não o faz apenas no corpo do texto, mas também fora dele, no posfácio. Neste espaço de relacionamento com o leitor, a autora confirma o projeto que o leitor deve seguir. Não deixa de ser um guia para o leitor, pensado pelo autor.

Neste pequeno, mas não menos importante texto, que integra **Paisagem**, o livro **Fazendo Ana Paz** é retomado brevemente, assim como conhecemos informações acerca de **Paisagem** e sobre o momento em que este livro foi escrito.

Realidade e ficção, mais uma vez são abordadas, a partir da relação da autora com as personagens:

Outro dia, preparando a produção de *Fazendo Ana Paz*, me estendi bastante nessa nossa conversa e te contei muitas coisas ligadas às fotos que agora acompanham a nova edição daquele livro. Mas hoje, neste momento em que me preparo cara nova de *Paisagem*, resolvi ser breve. Talvez até porque eu tenha acabado de reler o livro e o João tenha ficado ressoado na minha cabeça – ele e o clarinete. (BOJUNGA, 2006, p. 109-10).

Bojunga explica por que será breve em suas observações sobre o livro **Paisagem** e fala sobre João e sua música.

Mais adiante afirma: *Meus personagens me afetam da mesma maneira que meus poucos familiares e amigos íntimos.* (BOJUNGA, 2006, p. 110). Mais uma vez vemos a relação real e ficção, Bojunga compara seus personagens, com pessoas reais com quem mantém relacionamentos pessoais.

Como acontece em **Fazendo Ana Paz** ela diz sentir a presença física de seus personagens e retoma João e Lourenço do livro que acabamos de ler, como se eles continuassem agindo, mesmo com o término do livro, e com isso estende um pouco mais a história de ambos.

Revela ao leitor que está com vontade de ficar quieta e introduz o texto que também faz parte do livro **Fazendo Ana Paz**, e que retoma a trilogia: “Caminhos”:

Quando eu escrevi e interpretei o monólogo LIVRO, falando da minha vida de leitora e contando os seis “ casos de amor” que eu tive com obras literárias, eu estava longe de imaginar que comprido que ia ser o caminho que eu ia andar.

Depois das primeiras apresentações de LIVRO pelo Brasil, eu comecei a achar que, fazendo a outra metade da laranja, isto é, me posicionando também como escritora, a representação do meu envolvimento com livros ia ficar mais **redonda**, e com isso eu quero dizer mais **integrada**.

Escrevi então o que chamei de “encontros com a escrita”, contando alguns episódios ligados à minha inclinação para escrever. Não levei essas narrativas pro palco: achei que elas tinham saído com cara de só gostar de morar em livros. Foram publicadas junto com o monólogo-da-leitora num volume chamado *LIVRO, um encontro com Lygia Bojunga*.

A necessidade de falar mais **dramaticamente** do ato de escrever me fez continuar nesse caminho e levantar uma personagem chamada Ana Paz. O percurso que eu fiz com a Ana Paz foi difícil, eu não enxergava bem o caminho, tropecei e parei muitas vezes, mas ele me levou a um livro que eu chamei *Fazendo Ana Paz*. E me levou também a querer continuar **ainda** na mesma estrada.

Sou de opinião que, quando um leitor mergulha no livro que um escritor escreveu, ele está enveredando por um território sem fronteiras; nunca sabe direito até onde está indo atrás da própria imaginação, ou em que ponto começou a seguir a imaginação do escritor. Foi pensando nisso que – numa das paradas que eu dei no meu percurso com a Ana Paz – eu comecei a trabalhar um personagem chamado Lourenço.

Assim que me envolvi com o Lourenço, eu me dei conta de que o símbolo das duas metades da laranja não era o que eu estava buscando; o que queria pra fazer a minha fala de livro ficar mais redonda era **três** pedaços da laranja; se no primeiro eu tinha falado da leitura e no segundo da escrita, agora eu queria, nessa terceira parte, misturar uma com a outra. Foi dessa mistura que saiu *Paisagem*, e o caminho tão comprido que eu acabei andando resultou numa pequena trilogia. (BOJUNGA, 2006, p. 111-12-13).

Neste texto, mais uma vez Bojunga se propõe a esclarecer seu processo ao escrever um livro. Após relatar sua posição como leitora em **Livro, um encontro com Lygia Bojunga**, percebeu que precisava escrever seus *encontros com a escrita*, por isso estes textos deveriam ser apenas escritos e não mais encenados, como outros foram. De forma mais dramatizada, mas ainda relatando o processo de escrita, nasceu *Ana Paz* e em meio as suas inquietações *Lourenço*, personagens dos dois últimos livros da trilogia.

“Caminhos”, embora não esteja no corpo do texto, também faz parte dele. Assim como os textos que integram a trilogia, fala sobre o ato de criação. Já aqui a autora questionava o projeto de um livro e o papel do leitor como aquele que participa do processo criativo e segue o percurso pensado pelo autor, podemos notar isto no trecho: “*nunca sabe direito até onde está indo atrás da própria imaginação, ou em que ponto começou a seguir a imaginação do escritor.*” (BOJUNGA, 2006, p.112-3).

Ao ler “Caminhos”, somos levados a iniciar (quando este vem no prefácio) ou a concluir (quando aparece no posfácio) aquilo que é discutido nestes livros.

Palavras-chave aparecem em destaque no texto: redonda, integrada, dramaticamente, ainda e três. Todas estas palavras, de uma forma mais forte ou um pouco menos, trazem em si significados presentes no processo poético existente nos textos de Lygia Bojunga.

Bojunga assina o texto, escrito em 2004, com a seguinte frase: *Até nosso próximo encontro* (BOJUNGA, 2006, p. 113), deixando para o próximo livro a possibilidade de “conversar”, mais diretamente com o seu leitor.

“Qualquer obra de arte, embora não se entregue materialmente inacabada exige uma resposta livre e inventiva, mesmo porque não poderá ser realmente compreendida se o intérprete não a reinventar num ato de congenialidade com o autor.”

(ECO,2001,p.41)

4. Considerações finais

A trilogia do livro propõe uma discussão metalinguística, por meio da qual Bojunga estimula o leitor ao exercício da co-autoria, quando se permite discutir com o autor sobre o processo criativo. Nos três livros temos a participação ativa do leitor; nos dois últimos, **Fazendo Ana Paz** e **Paisagem**, são as personagens que discutem o seu próprio papel, como personagem e como leitor, respectivamente.

A metalinguagem aparece em imagens concretas, descrita de forma quase física, embora sejam palavras no papel. Com traços biográficos semelhantes aos de Lygia Bojunga, nos três livros, a autora se revela, mas ao mesmo tempo, se esconde ao fazer isso através da ficção, pois nela tudo pode ser questionado. Como diz Maria José Palo: “O narrador faz do realismo um meio e um modo para construir suas próprias máscaras de contador de histórias análogas às da vida real” (PALO, 2008). Por meio de uma linguagem coloquial e crítica, circulamos livremente entre real e o imaginário.

Em **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**, o leitor tem papel de destaque, e a formação de leitora é fundamental para o desenvolvimento literário da futura escritora. Em **Fazendo Ana Paz**, é a personagem que põe a obra, o autor e seu próprio papel em discussão. Já em **Paisagem**, vemos diante de nós uma autora que não traz em si o saber total da história, pelo contrário, tem dúvidas e vai em busca de respostas dentro do próprio texto. Ela cria um leitor que guia o leitor real e tem uma ligação direta com o autor, porque também faz parte dele e de seu processo criativo.

Os textos são repletos de lacunas, e somente o leitor poderá preenchê-las. É através do diálogo com o leitor e suas personagens que Bojunga nos permite entrar no seu mundo ficcional e observar a sua relação com a literatura.

Fronteiras são ultrapassadas a todo o momento. Não há limites quanto ao gênero, à voz que narra os acontecimentos, e nem mesmo quanto ao que é real e o que é ficção. Quanto à narração, autor, leitor e personagem se completam e dividem a autoria do texto, ocupam praticamente o mesmo espaço. A autora transforma-se em personagem, as personagens em leitores e estes em autores. A autora pode ser vista ainda como leitora.

Todos os elementos narrativos têm a mesma importância e juntos formam as obras. Todos eles se aproximam e explicam o que é um texto literário, por meio de uma narração compartilhada.

A polifonia afasta a voz do narrador como dominante. Há uma espécie de desaparecimento autoral onde o autor, por vezes se cala para que as personagens e o leitor falem. Autor, personagem e leitor têm uma forte ligação. A subjetividade que surge no ato da criação de um texto é exposta sem receios.

Realidade e ficção são confrontadas constantemente. Nos textos há a introdução de elementos reais relativos à autora Lygia Bojunga, aproximando-a da autora dramatizada. Até mesmo a “realidade”, dos textos é questionada e elementos fantasiosos são introduzidos.

Mais de uma história é contada quase que ao mesmo tempo, separadas por pequenas pausas, até que uma história parece entrar na outra. Por meio destas histórias, somos aproximados a criação das mesmas. Temos a sensação de que a obra é produzida diante de nós, principalmente nos dois últimos livros da *trilogia*.

Por meio do desmascaramento do ato de criação, o autor faz com que o leitor sinta os efeitos causados pelo texto, fazendo parte efetiva dele. O fato de revelar o processo de criação não empobrece a obra, pelo contrário, pois podemos ver a partir da perspectiva de quem escreve, contudo não deixamos de lado o ponto de vista do leitor. A perspectiva do autor somada ao ponto de vista do leitor resulta numa leitura mais completa e crítica.

5. Referências bibliográficas

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHALHULB, Samira. **A metalinguagem.** São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Funções da Linguagem.** São Paulo: Ática, 2000.

COMPAGNON, Antoine. O Leitor. In: _____. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum.** 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. P. 137-161.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção.** Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas.** 8. ed. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ISER, Wolfgang. Preliminares para uma teoria da estética do efeito. In: _____ **O ato da leitura**, vol.1. Trad. De Johannes Kretschmer. São Paulo: ed. 34, 1996.

_____. O jogo do texto. In: Lima, Luiz Costa. (Org). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.p. 105-118.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo.** São Paulo: Ática, 2007.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro:um encontro com Lygia Bojunga.** Rio de Janeiro: Agir, 1995.

_____. **Fazendo Ana Paz.** Rio de Janeiro: Agir,1995.

_____. **Paisagem.** Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga,2006.

SANDRONI, Laura. **De Lobato à Bojunga: as reações renovadas.** Rio de Janeiro: Agir, 1987.

Webgrafia

ASSIS, Adriana Carolina Hipólito de. A voz que fala: autor, persona ou autor-implícito?. **Kplus**, São Paulo, p. 1-6, 1º dezembro. 2004. Disponível em:< <http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=243&rn.html>>. Acesso em 15 setembro. 2010.

NINFA, Parreiras. Um encontro da Lygia Bojunga. **Estação das Letras & Letra falante**, Rio de Janeiro,2010. Disponível em <<http://www.estacaodasletras.com.br/arquivos/letrafalante/lygia-bojunga.html>>Acesso em 10 outubro.2010.

PALO, Maria José. A retórica da ficção: Wayne Booth. **Fronteiras**, São Paulo, Vol.1, nº2,

p.1-9, Março. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_antteriores/n1/estudos.html>. Acesso em: 16 novembro. 2010.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; MATZENBACHER, Tatiana. A experiência estética da leitura. **Entrelinhas**, São Leopoldo, Ano 4, n°2, p. 1-6, jul/dez. 2007. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=7&s=9&a=48>>. Acesso em: 30 agosto. 2010.

SILVA, Rosa Maria Graciotto. Histórias de leitura, história de vida: encontro com Lygia Bojunga Nunes. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão** (Org.). Assis, SP < <http://books.google.com.br/books/leitorformado/leitoremformacao/htm>>. Acesso em 12 de setembro. 2010.

YURGEL, Patrícia. **Lygia Bojunga e a trilogia do livro: processo criativo & relações com o leitor**. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10977/000601598.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 agosto. 2010.

[/http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/html/historia.html](http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/html/historia.html)